

Rosa LUXEMBURG

MARXISMO

CONTRA

DITADURA



a LUTA de CLASSES em 1968

Porquê a tradução destes textos?

Considerando a situação actual da luta de classes no mundo, a existência de escritos teóricos ainda desconhecidos em lingua portuguesa aconselha, a nosso ver, a sua divulgação, para que num futuro mais ou menos próximo a nossa prática política total se possa desenvolver a partir de análises teóricas que tenham em conta as experiências históricas da luta de classes. Foi esta a intenção que presidiu à tradução destes textos, aos quais outros se seguirão, espaçados no tempo, segundo as nossas limitadas possibilidades, prática que queremos monopolizar mas antes incitamos a que se alargue.

A escolha do texto "Marxismo contra Ditadura", de Rosa Luxembourg, é justificada pela actualidade de que se revestem as suas concepções, hoje em que surgem com clareza as contradições das vias degeneradas do socialismo científico, que ela já nessa altura (1905) combatia, na teoria e na prática. Rosa Luxembourg, num período histórico agudo de luta de classes, pela coerência da sua militância (onde uma prática teórica esteve continuamente ligada a uma prática política) é a representante do mais autêntico marxismo", no próprio dizer de Lênine.

Nascida na Polónia em 1870, foi, em 1893, uma das organizadoras do Partido Social-Democrata Internacionalista desse país. Naturalizada alemã, ela torna-se em breve um dos chefes de fila da ala esquerda da social-democracia alemã, onde, até ao fim da sua vida, desenvolveu intensa actividade. Analisando, a partir da revolução russa de 1905, os problemas da "Greve de massas, partido e sindicatos"; participando activamente na comuna de Varsóvia em 1908; publicando em 1912 duas obras fundamentais da análise marxista: "A acumulação do capital" e "Introdução à economia política"; Rosa Luxembourg veio a criar, em 1914, juntamente com Liebknecht, Mehring e Clara Zetkin, o grupo Spartacus, como resposta à atitude do resto da social-democracia de aceitação da guerra imperialista (1914-18). Em 1917 ela acolhe a revolução russa como um facto de importância irreversível na história, não deixando de exprimir as suas divergências relativamente ao partido de Lênine ("A revolução russa"). Um ano mais tarde, em plena revolução alemã, o grupo Spartacus dá origem ao Partido Comunista da Alemanha, que, em 1919, desencadeia em Berlin a greve geral insurreccional. No refluxo da situação revolucionária, Rosa Luxembourg e Liebknecht são assassinados (15 de Janeiro de 1919).

Qual a actualidade deste texto?

Rosa Luxembourg sempre lutou contra a linha reformista oportunista de direita, dentro da social-democracia (1), como o mostra o texto "Massa e chefes". Mas, quando em "Centralismo e democracia", ela se

ataca às concepções de Lénine, são essencialmente as questões da organização do partido que estão em causa, e mais particularmente as relações entre as massas trabalhadoras e os "chefes". Neste ponto, R. Luxembourg considera próximas as duas concepções (embora numa estratégia de luta de classes oposta), a de Lénine e a dos reformistas, ambas tendendo a uma separação entre as massas e os chefes. Condenando, tanto num caso como noutro, aquilo que ela chama as massas "dirigidas", Rosa exige a consciência e educação destas mesmas massas como única forma de realização da ditadura do proletariado onde será possível coordenar a democracia e centralismo.

Se, num primeiro tempo, a história pareceu dar razão a Lénine com a realização da revolução russa de 17, hoje, a degenerescência do chamado "socialismo" dos países de Leste volta de novo a trazer à actualidade a polémica Rosa Luxembourg-Lénine.

Na Rússia de 1917 todo o poder está nos sovietes, em 21, todo o poder está no partido, em 23 no comité central, em 24 no "bureau" político, em 27 no secretário geral, Staline.

Hoje, quando as experiências revolucionárias nos mostram como a luta contra as estruturas do sistema capitalista passa pela luta contra as organizações burocráticas da classe operária (partido e sindicatos), institucionalizadas e portanto com a função de resolver dentro do mesmo sistema os conflitos a que o seu crescimento dialéctico obedece, parece-nos que estes textos são de uma actualidade sem precedentes.

Ontem como hoje, os dois termos da contradição dialéctica do movimento socialista são: "um, a perda do seu carácter de massa, o outro, a renúncia ao objectivo final; a queda no estado de seita ou a transformação em movimento de reformas burguesas" (pag. 16).

DEZEMBRO 1968

(1) - O Partido Social-Democrata era nesta época o partido marxista da classe operária. No seu interior existiam duas tendências: a ala esquerda, à qual pertenciam Rosa Luxembourg, na social-democracia alemã, e Lénine, na social-democracia russa, e que mais tarde vieram a dar origem aos respectivos partidos comunistas; e a ala oportunista de direita, os reformistas, dos quais Bernstein é o representante mais conhecido, que consideravam que o capitalismo se transformaria automaticamente num regime social e económico novo, graças a reformas parcelares e não a uma transformação revolucionária das suas estruturas. Esta tendência deu origem aos actuais partidos sociais-democratas, de via parlamentarista.

CENTRALISMO

E

DEMOCRACIA (1)

- I -

Uma tarefa original e sem precedentes na história do socialismo compete à social-democracia russa: a de definir uma tática socialista, isto é, conforme à luta de classe do proletariado, num país onde domina ainda a monarquia absolutista. Toda a comparação entre a situação russa actual e a Alemanha de 1878-1890, quando as leis de Bismarck contra os socialistas estavam em vigor, peca pela base porque essa comparação teria em vista o regime policial e não o regime político. Os obstáculos que a ausência de liberdades democráticas cria ao movimento de massas não tem senão uma importância relativamente secundária: mesmo na Rússia, o movimento de massas conseguiu derrubar as barreiras de ordem absolutista e estabelecer a sua "constituição", ainda que precária, a das "desordens de rua". Ele saberá perseverar nesta via até à vitória completa sobre o absolutismo.

A principal dificuldade que a luta socialista encontra na Rússia provém do facto da dominação de classe da burguesia estar ali obscurecida pela dominação da violência absolutista; o que dá inevitavelmente à propaganda socialista de luta de classe um carácter abstracto, enquanto a agitação política imediata se reveste sobretudo dum carácter revolucionário-democrático. A lei contra os socialistas na Alemanha destinava-se a colocar fora da constituição apenas a classe operária, e isto numa sociedade burguesa altamente desenvolvida, onde os antagonismos de classe estavam já plenamente desabrochados nas lutas parlamentares. Era nisto que residia a absurdidade e insanidade da medida bismarquiana. Na Rússia, trata-se, ao contrário, de fazer a experiência inversa: de criar uma social-democracia antes que o governo esteja nas mãos da burguesia.

Esta circunstancia modifica de uma maneira particular não somente a questão da transplantação da doutrina socialista para o caso russo, não somente o problema da agitação, mas ainda o da organização.

(1) - Artigo publicado em 1904, em Iskra, órgão da social-democracia russa, e em Neue Zeit, revista teórica da social-democracia alemã, sob o título: "Questões de organização da social-democracia russa".

movimento

No social-democrata, diferentemente das antigas experiências do socialismo utópico, a organização não é o produto artificial da propaganda, mas o produto da luta de classe, à qual a social-democracia dá simplesmente uma consciência política.

Em condições normais, isto é, onde o domínio político da burguesia, inteiramente constituído, precedeu o movimento socialista, é a própria burguesia que cria, em larga medida, os rudimentos de uma coesão política da classe operária. "Nesta fase, diz o Manifesto Comunista, a unificação das massas operárias não é a consequência da sua própria aspiração à unidade, mas a resposta à unificação da burguesia". Na Rússia, a social-democracia vê-se obrigada a suprimir, pela sua intervenção consciente, todo um período do processo histórico, e a conduzir o proletariado, enquanto classe consciente dos seus objectivos e decidida a alcançá-los através de uma dura luta, do estado "atomizado", que é o fundamento do regime absolutista, a uma forma superior de organização. Isto torna particularmente difícil o problema da organização, não tanto pelo facto da social-democracia dever proceder a essa organização sem beneficiar das garantias formais oferecidas pela democracia burguesa, mas porque é obrigada, como deus-pai, a fazer sair esta organização do "nada", sem dispor da matéria-prima política que, noutros países, a própria sociedade burguesa prepara.

A tarefa em que a social-democracia russa se arrasta, há vários anos, consiste na transição do tipo de organização da fase preparatória, cuja principal forma de actividade é a propaganda e por isso os grupos locais e pequenos círculos se mantêm sem ligações entre si, à fase unitária de uma organização mais vasta, exigida por uma acção política coordenada à escala de todo o território do estado. Mas tendo sido a autonomia perfeita e o isolamento os traços característicos de uma forma de organização tornada antiquada, era natural que a palavra de ordem da nova tendência, prègando uma vasta união, fosse o centralismo. A ideia do centralismo foi o tema dominante da brilhante campanha prosseguida durante três anos na Iskra ("A Centelha")⁽¹⁾ para culminar no congresso de Agosto de 1903 que, se bem que conte como II Congresso do partido social-democrata, foi efectivamente a sua assembleia constituinte. A mesma ideia tinha sido adoptada pela jovem elite da social-democracia russa.

Cedo porém, no próprio congresso, e mais ainda depois dele, foi forçoso persuadir-se de que a fórmula do centralismo estava longe de englobar todo o conteúdo histórico e toda a originalidade do tipo de organização de que a social-democracia necessita. Uma vez mais ficou provado que nenhuma fórmula rígida pode ser satisfatória quando se trata de interpretar, do ponto de vista marxista, um problema qualquer do socialismo, mesmo o problema da organização do partido.

O livro do camarada Lênine, um dos dirigentes e militantes dos mais destacados da Iskra: Um passo em frente, dois passos atrás, constitui a exposição sistemática dos pontos de vista da tendência ultra-centralista do partido russo. Este ponto de vista, que aí se exprime com um vigor e uma coerência inigualáveis, é o de um implacável centralismo, tomado como princípio: por um lado, a selecção e a constituição em

(1) - N. dos T.

corpo separado dos revolucionários activos e conhecidos, face à massa não organizada, embora revolucionária, que os cerca, e, por outro lado, uma disciplina severa, em nome da qual os centros dirigentes do partido intervêm directa e resolutamente em todos os assuntos das suas organizações locais. Bastará indicar que, segundo a tese de Lénine, o comité central tem, por exemplo, o direito de organizar todos os comités locais do partido, e, por consequência, o direito de nomear os membros efectivos de todas as organizações locais, de Genebra a Liège e de Tomsk a Irkoutsk, de impôr a cada uma delas estatutos irrevogáveis, de decidir sem apelo da sua dissolução e da sua reconstituição, de tal maneira que, em resumo, o comité central poderia determinar a seu bel-prazer a composição da instância suprema do partido, o congresso. Assim, o comité central é o único núcleo activo do partido e todos os outros agrupamentos não passam dos seus órgãos executivos.

É precisamente nesta união do mais rigoroso centralismo da organização e do movimento socialista das massas que Lénine vê um princípio específico do marxismo revolucionário, tese à qual acrescenta uma série de argumentos. Mas procuremos examiná-la mais de perto.

uma forte tendência
Não se poderá pôr em dúvida que, em geral, para a centralização seja inerente à social-democracia. Tendo-se desenvolvido no terreno económico do capitalismo, que é centralizador por essência, e tendo de lutar nos quadros políticos da grande cidade burguesa, centralizada, a social-democracia é visceralmente hostil a toda a manifestação de particularismo ou de federalismo nacional. Sendo a sua missão a de representar, dentro das fronteiras de um estado, os interesses comuns do proletariado, enquanto classe, e de opôr esses interesses gerais a todos os interesses particulares ou de grupo, a social-democracia tem por tendência natural reunir num único partido todos os agrupamentos de operários, quaisquer que sejam as diferenças de ordem nacional, religiosa ou profissional, entre esses membros da mesma classe. Ela não renuncia a este princípio e não se resigna ao federalismo, a não ser em presença de condições excepcionalmente anormais, como é, por exemplo, o caso da monarquia austro-húngara. Deste ponto de vista, não pode existir qualquer dúvida de que a social-democracia russa não deve constituir um conglomerado federativo de inumeráveis nacionalidades e particularismos locais, mas um único partido para todo o império. Mas uma outra questão se põe: a do grau de centralização que pode convir, tendo em conta as condições actuais, no seio da social-democracia russa, unificada e una.

Do ponto de vista das tarefas formais da social-democracia, enquanto partido de luta, o centralismo da sua organização aparece, à primeira vista, como uma condição de realização da qual dependem directamente a capacidade de luta e a energia do partido.

No entanto, estas considerações de carácter formal, que se aplicam a qualquer partido de acção, são muito menos importantes do que as condições históricas da luta proletária.

Na história das sociedades fundadas sobre o antagonismo de classe, o movimento socialista é o primeiro que se apoia, em todas as suas fases e em toda a sua marcha, sobre a organização e sobre a acção dire-

cta e autónoma da massa.

Neste sentido, a democracia socialista cria um novo tipo de organização totalmente diferente do dos movimentos socialistas anteriores, os movimentos de tipo jacobino-blanquista.

Lénine parece subestimar este facto quando, no livro citado (pag. 140), exprime a opinião de que a social-democracia revolucionária não seria outra coisa senão um jacobinismo indissolúvelmente ligado à organização do proletariado que tomou consciência dos seus interesses de classe. Para Lénine, a diferença entre o socialismo democrático e o blanquismo reduz-se ao facto de existir um proletariado organizado e penetrado por uma consciência de classe em vez de um punhado de conjurados. Ele esquece que a existência desse proletariado implica uma revisão completa das ideias sobre a organização e, conseqüentemente, uma concepção completamente diferente da ideia de centralismo, assim como das relações recíprocas entre a organização e a luta.

O blanquismo não tinha de forma alguma em vista uma acção imediata da classe operária e podia portanto prescindir da organização de massas. Antes pelo contrário: como as massas populares não deviam entrar em cena senão no momento da revolução, enquanto a obra de preparação apenas dizia respeito a um pequeno grupo armado para o golpe de força, o próprio sucesso do complot exigia que os seus elementos se mantivessem distantes das massas. Mas isto era igualmente possível e realizável porque nenhum contacto íntimo existia entre a actividade conspiradora de uma organização blanquista e a vida quotidiana das massas populares.

Ao mesmo tempo, a tática, assim como as tarefas concretas da acção, porquanto livremente improvisadas ao sabor da inspiração e sem contacto com o terreno da luta de classe elementar, podiam ser fixadas nos seus pormenores mais minuciosos e tomavam a forma de um plano previamente preparado. Donde decorria, naturalmente, que os membros activos da organização se transformavam em simples órgãos executivos das ordens emanadas de uma vontade manifestada previamente e de fora do seu próprio campo de actividade, em suma, em instrumentos de um comité central. Daqui, esta segunda particularidade do centralismo conspirador: a submissão absoluta e cega das secções do partido à instância central e a extensão da autoridade desta última até à extrema periferia da organização.

Radicalmente diferentes são as condições de actividade da social-democracia. Ela surgiu historicamente da luta de classe elementar. E move-se nessa contradição dialéctica de ser apenas ao longo da luta que as forças do proletariado se recrutam e tomam consciência dos objectivos dessa luta. A organização, os progressos da consciencialização e do combate, não são fases particulares, separadas no tempo e mecânicamente, como no movimento blanquista, mas, pelo contrário, aspectos diversos de um único e mesmo processo. Por um lado, fora dos princípios gerais da luta não existe tática elaborada a priori em todos os seus pormenores e que um comité central poderia ensinar às suas tropas como num quartel. Por outro lado, as peripécias da luta, ao longo da qual se cria a organização, determinam flutuações incres-

santes na esfera de influência do partido socialista.

Daqui resulta já que o centralismo social-democrático não poderia fundar-se sobre a obediência cega, nem sobre uma subordinação mecânica dos militantes ao centro do partido. Por outro lado, não podem existir paredes estanques entre o núcleo proletário consciente, solidamente enquadrado no partido, e as restantes camadas do proletariado, já lançadas na luta de classe e onde a consciência de classe cresce de dia para dia. A criação do centralismo a partir destes dois princípios: a subordinação cega de todas as organizações, até ao mais pequeno pormenor, em relação ao centro, o único que pensa, trabalha e decide por todos, e a separação rigorosa do núcleo organizado em relação ao meio revolucionário - como entende Lénine - parece-nos pois uma transposição mecânica dos princípios de organização blanquista de círculos de conjurados no movimento socialista das massas operárias. Parece-nos que Lénine define o seu ponto de vista de uma maneira mais chocante do que qualquer dos seus adversários teria ousado fazer, quando apresenta o seu "social-democrata-revolucionário" como um "jacobino ligado à organização do proletariado que tomou consciência dos seus interesses de classe". Na verdade, a social-democracia não está ligada à organização da classe operária, ela é o movimento próprio da classe operária. É, portanto, necessário que o centralismo da social-democracia seja de uma natureza essencialmente diferente do centralismo blanquista. Ele não poderia ser mais do que a concentração imperiosa da vontade da vanguarda consciente e militante da classe operária em relação aos seus grupos e indivíduos. Trata-se, por assim dizer, de um "auto-centralismo" da camada dirigente do proletariado: é o reino da maioria no interior do seu próprio partido.

Esta análise do conteúdo efectivo do centralismo social-democrático mostra já que as condições indispensáveis à sua realização não existem plenamente na Rússia actual: a existência de um contingente bastante numeroso de operários já educados pela luta política e a possibilidade de eles desenvolverem a sua própria acção por influência directa sobre a vida pública (na imprensa do partido, nos congressos públicos, etc).

Esta última condição não poderá, evidentemente, ser realizada se não em liberdade política; quanto à primeira - a formação de uma vanguarda proletária consciente dos seus interesses de classe e capaz de se orientar na luta política - ela está apenas em vias de desabrochar e é para a aceleração desta última que deve tender todo o trabalho de agitação e de organização socialistas.

É surpreendente ver Lénine exprimir a opinião contrária: ele está persuadido de que todas as condições prévias para a constituição de um partido operário existem já na Rússia. E se, num rasgo de optimismo, ele proclama que presentemente "já não é o proletariado, mas certos intelectuais do nosso partido, que carecem de auto-educação quanto ao espírito de organização e de disciplina" (pag. 145), se ele glorifica a acção educadora da fábrica que habitua o proletariado "à disciplina e à organização" (pag. 147), tudo isto apenas prova, uma vez mais, a sua concepção demasiado mecânica da organização socialista.

A disciplina que Lénine tem em vista é inculcada ao proletariado não somente pela fábrica, mas também pelo quartel e pelo burocratismo actual, em suma, por todo o mecanismo do estado burguês centralizado.

É abusar das palavras e deixar-se levar por elas, designar pelo mesmo termo de "disciplina" duas noções tão diferentes como são, por um lado, a ausência de pensamento e de vontade num corpo de mil mãos e mil pernas executando movimentos automáticos, e, por outro, a coordenação espontânea dos actos consciêntes, políticos, duma colectividade. Que podem ter de comum, a docilidade bem regulada de uma classe oprimida e o levantamento organizado de uma classe lutando pela sua emancipação integral?

Não é partindo da disciplina imposta pelo estado capitalista ao proletariado (após a simples substituição da autoridade da burguesia pela de um comité central socialista), mas extirpando até à última raiz os hábitos de obediência e de servilismo, que a classe operária poderá adquirir o sentido de uma disciplina nova, da auto-disciplina livremente consentida da social-democracia.

Daqui resulta, por outro lado, que o centralismo, no sentido socialista, não poderá ser uma concepção absoluta aplicável a qualquer fase do movimento operário: é preciso considerá-lo, antes, como uma tendência que se torna realidade à medida do desenvolvimento e da educação política das massas operárias no seio da sua luta.

Bem entendido, a ausência das condições mais necessárias à realização completa do centralismo no movimento russo pode apresentar um obstáculo muito grande.

Parece-nos, no entanto, que seria um grave erro pensar que se poderia "provisoriamente" substituir o poder absoluto de um comité central, agindo por uma forma qualquer de "delegação" tácita, ao poder, ainda irrealizável, da maioria dos operários consciêntes do partido, e substituir o controle público exercido pelas massas operárias sobre os órgãos do partido pelo controle inverso do comité central sobre a actividade do proletariado revolucionário.

A própria história do movimento operário na Rússia nos apresenta inúmeras provas do valor problemático de um tal centralismo. Um centro todo poderoso, investido de um direito sem limites de controle e de ingerência, segundo o ideal de Lénine, cairia no absurdo se a sua competência fosse reduzida a funções exclusivamente técnicas, tais como a administração dos fundos, a repartição do trabalho entre os propagandistas e agitadores, os transportes clandestinos de publicações, a difusão de periódicos, circulares, cartazes. Só se compreenderia o fim político de uma instituição munida de tais poderes, desde que as suas forças fossem consagradas à elaboração de uma tática de combate uniforme e se ela assumisse a iniciativa de uma vasta acção revolucionária. Mas que nos ensinam as vicissitudes por que tem passado até agora o movimento socialista na Rússia? As alterações táticas mais importantes e fecundas dos últimos dez anos não foram invenção de quaisquer dirigentes e ainda menos de órgãos centrais, mas foram sempre o

produto espontâneo do movimento em efervescência.

Assim foi o caso da primeira etapa do movimento verdadeiramente proletário na Rússia, que se pode situar na greve geral espontânea de São Petersburgo em 1896, e que marcou o início de toda uma era de lutas económicas empreendidas pelas massas operárias. Assim foi ainda o caso da segunda fase da luta: a das manifestações de rua cujo sinal fôra dado pela agitação espontânea dos estudantes de São Petersburgo em Março de 1901. A grande alteração táctica que se seguiu, e que abriu novos horizontes, foi marcada - em 1903 - pela greve geral em Rostov-sobre-o-Don: ainda aqui uma explosão espontânea, pois que a greve se transformou "sèzinha" em manifestação política, com agitação de rua, grandes reuniões populares ao ar livre e discursos públicos, com que o mais entusiasta dos revolucionários não teria ousado sonhar alguns anos antes.

Em todos estes casos, a nossa causa fez imensos progressos. A iniciativa e a direcção consciente das organizações social-democráticas não tiveram aí senão um papel insignificante. Isto não se explica pelo facto de estas organizações não estarem especialmente preparadas para tais acontecimentos (se bem que esta circunstância tenha podido contar um pouco); e ainda menos pela ausência de um aparelho central todo-poderoso como preconiza Lénine. Pelo contrário, é muito provável que a existência de um tal centro de direcção não tivesse podido senão aumentar a confusão dos comités locais, acentuando o contraste entre o assalto impetuoso da massa e a posição prudente da social-democracia. Pode-se, mesmo, afirmar que este fenómeno - o papel insignificante da iniciativa consciente dos órgãos centrais na elaboração da táctica - se observa na Alemanha, assim como em toda a parte. Nas suas grandes linhas, a táctica de luta da social-democracia, em geral, não se "inventou"; ela é o resultado ininterrupto de grandes actos criadores da luta de classe, muitas vezes espontânea, que busca o seu caminho.

O inconsciente precede o consciente e a lógica do processo histórico objectivo precede a lógica subjectiva dos protagonistas. O papel dos órgãos dirigentes do partido socialista reveste, em larga medida, um carácter conservador: como o mostra a experiência, sempre que o movimento operário conquista um novo terreno, os seus órgãos trabalham até aos seus limites mais extremos, mas transformam-no, ao mesmo tempo, num bastião contra progressos posteriores de mais vasta envergadura.

A táctica actual da social-democracia alemã é universalmente apreciada por causa da sua elasticidade e, ao mesmo tempo, da sua firmeza. Mas esta táctica denota somente uma admirável adaptação do partido nos mais pequenos pormenores da acção quotidiana, nas condições do regime parlamentar: a social-democracia alemã estudou metódicamente todos os seus recursos neste campo e sabe tirar partido disso sem se desviar dos seus princípios. E, no entanto, mesmo a perfeição desta adaptação fecha já mais vastos horizontes, tendendo-se a considerar a táctica parlamentar como imutável, como sendo a táctica específica da luta socialista. Recusa-se, por exemplo, examinar a questão, posta por Parvus, das alterações de táctica a prever no caso de abolição do sufrágio universal na Alemanha; e, apesar de tudo, esta eventualidade não é, de forma alguma,

considerada improvável pelos chefes da social-democracia. Esta inércia é, em grande parte, devida ao facto da grande dificuldade de definir, no vazio das suposições abstractas, os contornos e as formas concretas de conjunturas políticas ainda inexistentes, e, por conseguinte, imaginárias. O que verdadeiramente importa para a social-democracia nunca é, evidentemente, a preparação de um programa acabado para a acção futura, o que importa é manter a apreciação histórica correcta das formas de luta correspondendo a cada momento dado, a compreensão viva da relatividade da fase da luta em questão e da inelutabilidade do agravamento das tensões revolucionárias sob o prisma do objectivo final da luta de classes.

Mas, dando ao órgão dirigente do partido poderes tão absolutos de carácter negativo, como quer Lénine, só se reforça até um grau já muito perigoso o conservadorismo naturalmente inerente a este órgão. Se a táctica do partido é o resultado não do comité central, mas da totalidade do partido ou - melhor ainda - do conjunto do movimento operário, é evidente que será necessária às secções e federações aquela liberdade que permitirá utilizar todos os recursos duma situação e desenvolver a sua iniciativa revolucionária. O ultracentralismo defendido por Lénine aparece-nos como que impregnado, não de um espírito positivo e criador, mas do espírito estéril do guarda-nocturno. Toda a sua preocupação tende a controlar a actividade do partido e não a fecundá-la; antes a retrair o movimento do que a desenvolvê-lo; a jugulá-lo, não a unificá-lo.

Semelhante experiência seria duplamente arriscada para a social-democracia russa nas actuais circunstâncias. Ela está na véspera das batalhas decisivas que a revolução dará ao czarismo; ela vai-se implicar, ou antes, está já implicada numa fase de actividade criadora intensificada no plano da táctica e - o que surge naturalmente num período revolucionário - numa fase em que a sua esfera de influência se alargará e se deslocará espontaneamente e por saltos. Tentar num momento destes acorrentar a iniciativa do partido e rodeá-lo de uma rêde de arame farpado é querer torná-lo incapaz de desempenhar as formidáveis tarefas do momento.

Todas as considerações gerais que temos vindo a expor a propósito da essência do centralismo socialista não chegam para traçar um projecto de estatuto apropriado à organização do partido russo. Em última instância, um estatuto deste género só pode ser determinado pelas condições em que tem lugar a acção do partido num dado período. E como na Rússia se trata de uma primeira tentativa para pôr de pé uma grande organização do proletariado, é duvidoso que um estatuto, seja ele qual fôr, possa pretender desde já à infabilidade: é preciso que se submeta primeiro a prova de fogo.

Mas o que nos é lícito deduzir da ideia geral que fizemos da organização da social-democracia é que o espírito desta organização comporta, principalmente no início do movimento de massa, a coordenação, a unificação do movimento, mas nunca a sua submissão a um regulamento rígido. E, desde que o partido esteja penetrado deste espírito de mobilidade política que deve comportar uma severa fidelidade aos princípios e à preocupação de unidade, podemos estar certos de que a experiência prá-

tica corrigirá as incongruências do estatuto, por muito infeliz que possa ser a sua redacção. Porque não é o texto, mas o espírito vivo que penetra os militantes activos, que decide do valor de tal ou tal outra forma de organização.

- II -

Até aqui examinámos o problema do centralismo do ponto de vista dos princípios gerais da social-democracia e, em parte, sob o aspecto das condições particulares da Rússia. Mas o espírito de quartel do ultracentralismo preconizado por Lénine e os seus amigos, não é produto de erros fortuitos: liga-se à luta contra o oportunismo, levada por Lénine até ao terreno dos mais minuciosos pormenores da organização.

Trata-se, diz Lénine (pag. 52), "de forjar uma arma mais ou menos cortante contra o oportunismo. E a arma deve ser tanto mais eficaz quanto são profundas as raízes do oportunismo!"

Lénine vê também nos poderes que atribui ao comité central e no muro que ergue à volta do partido, um dique contra o oportunismo, cujas manifestações específicas provêm, segundo ele, da tendência inata do intelectual para o oportunismo e a desorganização, da sua aversão à estrita disciplina e a todo o "burocratismo" apesar de tudo necessário à vida do partido.

Segundo Lénine, é apenas no intelectual, que permanece individualista e propenso à anarquia, mesmo quando aderiu ao socialismo, que se encontra esta repugnância em aceitar a autoridade absoluta de um comité central, enquanto o proletariado autêntico sente, no seu instinto de classe, uma espécie de voluptuosidade abandonando-se ao punho de uma direcção firme e a todos os rigores de uma disciplina implacável. "O burocratismo oposto ao democratismo, diz Lénine, não significa outra coisa do que o princípio de organização da social-democracia revolucionária oposto aos métodos de organização oportunistas".⁽¹⁾ E insiste no facto de que o mesmo conflito entre tendências centralistas e tendências autonomistas se manifesta em todos os países onde se opõem socialismo revolucionário e reformismo. Evoca em particular os debates que suscitou na social-democracia alemã a questão da autonomia a conceder aos colégios eleitorais. Isto nos incita a verificar os paralelos que Lénine estabelece.

Começamos por observar que as faculdades inatas de que seriam providos os proletários no que respeita a organização socialista, e a desconfiança para com os intelectuais não são, em si mesmas, a expressão de uma mentalidade "marxista revolucionária"; pelo contrário, poderíamos facilmente demonstrar que estes argumentos se aproximam do oportunismo.

O antagonismo entre os elementos puramente proletários e os intelectuais não proletários é a divisa ideológica sob a qual se unem: o semi-anarquismo dos sindicalistas puros em França, com a sua velha palavra de ordem: "Desconfiem dos políticos"; o trade-unionismo inglês,

(1) - (pag. 151.-op. cit.)

cheio de desconfiança para com os "sonhadores socialistas"; e, por fim, se as nossas informações são axactas, aquele "economismo puro" que prè-gava até há pouco nas fileiras da social-democracia russa, o grupo que imprimia clandestinamente em São Petersburgo a revista Pensamento operário.

Sem dúvida, não se poderia negar que, na maior parte dos partidos socialistas da Europa ocidental, existe uma ligação entre o oportunismo e os intelectuais, bem como entre o oportunismo e as tendências descentralizadoras.

Mas nada é mais contrário ao espírito do marxismo, ao seu método de pensamento histórico-dialéctico, do que separar os fenómenos do terreno histórico onde eles surgem e de fazer deles esquemas abstractos e de uma extensão absoluta e geral.

Raciocinando de uma maneira abstracta, pode-se somente reconhecer que o "intelectual", sendo um elemento social saído da burguesia e estranho ao proletariado, pode aderir ao socialismo, não em virtude do seu sentimento de classe, mas maugrado esse sentimento. É por isso que ele está mais exposto às oscilações oportunistas do que o proletariado, que encontra no seu instinto de classe um ponto de apoio revolucionário muito seguro, desde que conserve um mínimo de ligação com o seu meio de origem, a massa operária. No entanto, a forma concreta que assume a propensão do intelectual para o oportunismo e sobretudo a maneira como essa propensão se manifesta nas questões relativas à organização, depende, em cada caso, do meio social concreto.

Os fenómenos observados na vida do socialismo alemão, francês ou italiano, aos quais Lénine se refere, saíram de uma base social bem determinada, do parlamentarismo burguês. E como este parlamentarismo é, em geral, o berço específico de todas as tendências oportunistas actuais do socialismo da Europa ocidental, ele engendra também, em particular, as tendências desorganizadoras do oportunismo.

O parlamentarismo, como existe em França, na Itália e na Alemanha, não alimenta apenas as ilusões bem conhecidas do oportunismo actual: a sobreestimação da importância do trabalho reformador, a colaboração de classes e de partidos, o desenvolvimento pacífico, etc. Mas ainda, separando, nas fileiras do partido socialista, os intelectuais dos operários e colocando-os, como parlamentares, em certa medida acima dos operários, o parlamentarismo cria um terreno propício ao desenvolvimento prático destas ilusões. Enfim, os progressos do movimento operário fazem do parlamentarismo um trampolim para o carreirismo político e é por isso que vemos acorrerem às fileiras do partido socialista inúmeros ambiciosos e inúmeros falhados do mundo burguês.

É a todas estas circunstâncias que convém atribuir a conhecida propensão do intelectual oportunista dos partidos socialistas da Europa ocidental para a desorganização e a indisciplina.

Uma outra origem bem determinada do oportunismo contemporâneo reside na existência de um movimento socialista bastante desenvolvido e, por consequência, de uma organização dispondo de meios e de influen-

cias consideráveis. Esta organização constitui uma barreira que protege o movimento de classe contra desvios no sentido do parlamentarismo burguês; estes, para triunfar, devem tender a destruir essa barreira e a dissolver a elite activa e consciente do proletariado na massa amorfa do "corpo eleitoral".

É assim que nascem as tendencias "autonomistas" e descentralizadas perfeitamente adaptadas a certos objectivos políticos; convém então explicá-las, não, como faz Lénine, pelo caracterdesorientado do "intelectual", mas pelas necessidades do político parlamentar burguês, não pela psicologia do "intelectual" mas pela política oportunista.

A coisa apresenta-se completamente diferente na Rússia, sob o regime da monarquia absoluta, onde o oportunismo no movimento operário é, em geral, o produto, não da força da social-democracia nem da desagregação da sociedade burguesa, mas, ao contrário, do estado político atrasado desta sociedade.

O meio onde se recrutam, na Rússia, os intelectuais socialistas é muito menos burguês e bem mais marginal, no sentido preciso do termo, do que na Europa ocidental. Esta circunstância - acrescentada à imaturidade do movimento proletário na Rússia - oferece na verdade um campo muito mais vasto às divagações teóricas e às oscilações oportunistas que vão, por um lado, até à negação completa do aspecto político das lutas operárias e, por outro lado, até à fé absoluta na eficácia dos atentados isolados, ou ainda até ao quietismo político, aos marasmos do liberalismo e do idealismo kantiano.

No entanto, parece-nos que o intelectual russo, membro do partido social-democrata, pode difficilmente sentir-se atraído pela obra de organização, pois que uma tal propensão não é favorecida nem pela existência de um parlamento burguês, nem pelo estado de espírito do meio social. O intelectual ocidental que vemos hoje professar o "culto do eu" e tudo tingir de uma moral aristocrática, inclusivamente as suas veleidades socialistas, é o tipo, não da "intelectualidade burguesa" em geral, mas somente de uma fase determinada do seu desenvolvimento: o produto da decadência burguesa. Pelo contrário, os sonhos utópicos ou oportunistas dos intelectuais russos ganhos à causa socialista temdem a encher-se de fórmulas teóricas onde o eu não é exaltado mas humilhado, e a moral da renúncia, da expiação, é o princípio dominante. Da mesma forma que os narodniki (ou "populistas") de 1875 prêgavam a absorção dos intelectuais pela massa camponesa, e que os adeptos de Tolstoi praticam a evasão dos civilizados em direcção à vida da "gente simples", os partidários do "economismo puro" nas fileiras da social-democracia quereriam que eles se inclinassem perante a "mão caalejada" do trabalhador.

Obtém-se um resultado completamente diferente logo que, em vez de aplicar mecânicamente à Rússia os esquemas elaborados na Europa ocidental, se faz um esforço para estudar o problema da organização em relação com as condições específicas do estado social russo.

Em todo o caso, é ignorar a natureza íntima do oportunismo, atribu-

ir-lhe, como faz Lénine, uma propensão invariável para uma forma determinada de organização e, especialmente, para a descentralização.

Quer se trate de organização ou de qualquer outra coisa, o oportunismo não conhece senão um princípio: a ausência de qualquer princípio. Deixa a escolha dos seus meios de acção à apreciação das consciências, desde que estes meios pareçam poder conduzi-lo aos fins que tem em vista.

Se, com Lénine, nós definimos o oportunismo como a tendência para paralizar o movimento revolucionário autónomo da classe operária e transformá-lo em instrumento das ambições dos intelectuais burgueses, devemos reconhecer que, nas fases iniciais do movimento operário, este fim pode ser atingido mais facilmente, não pela descentralização, mas por uma centralização rigorosa, que entregaria este movimento de proletários ainda incultos aos chefes intelectuais do comité central. No despontar do movimento social-democrata na Alemanha, quando ainda não existia um sólido núcleo de proletários conscientes, nem uma táctica fundada sobre a experiência, assistiu-se também ao afrontamento dos partidários dos dois tipos opostos de organização: o centralismo levado ao extremo, afirmando-se na "União Geral dos Trabalhadores Alemães" fundada por Lassalle, e o autonomismo, no partido constituído no congresso de Eisenach com a participação de W. Liebknecht e A. Bebel. Se bem que a táctica destes últimos fosse bastantes confusa, do ponto de vista dos princípios, ela contribui infinitamente mais do que a acção dos primeiros para suscitar nas massas operárias o despertar de uma nova consciência. E os proletários em breve desempenharam um papel preponderante neste partido (como se pode ver pela multiplicação rápida das publicações operárias editadas na província), o movimento progrediu rapidamente em extensão, enquanto os partidários de Lassalle, apesar de todas as suas experiências de vários "ditadores", conduziam os seus fiéis de desventura em desventura.

Em geral, pode-se facilmente demonstrar que, quando a coesão é ainda fraca entre os elementos revolucionários da classe operária e o próprio movimento procede ainda como que tacteando, isto é, quando se está em presença de condições como aquelas em que se encontra neste momento a Rússia (1904), é precisamente o centralismo rigoroso, despótico, que caracteriza os intelectuais oportunistas, enquanto numa fase ulterior - sob o regime parlamentar e em relação a um partido trabalhador fortemente constituído - as tendências de oportunismo dos intelectuais se exprimem por uma propensão para a "descentralização".

Se, colocando-nos do ponto de vista de Lénine, temêssemos acima de tudo a influência dos intelectuais no movimento proletário, não poderíamos conceber maior perigo para o partido socialista russo do que os planos de organização propostos por Lénine. Nada poderia mais seguramente submeter um movimento operário ainda tão jovem a uma elite intelectual, sequiosa de poder, do que essa couraça burocrática onde aquele é immobilizado, para dele fazer um autómato manobrado por um "comité".

Pelo contrário, não há garantia mais eficaz contra as manobras oportunistas e as ambições pessoais, do que a actividade revolucioná-

ria autónoma do proletariado, graças à qual este adquire o sentido das responsabilidades políticas.

Com efeito, aquilo que hoje é apenas um fantasma, amedrontando a imaginação de Lénine, poderia amanhã tornar-se uma realidade.

Não esqueçamos que a revolução, que estamos certos que não poderá tardar a rebentar na Rússia, não é uma revolução proletária mas uma revolução burguesa, o que modifica radicalmente todas as condições da luta socialista. Nessa altura, também os intelectuais russos se impregnarão da ideologia burguesa. Se neste momento a social-democracia é o único guia das massas operárias, após a revolução veremos naturalmente a burguesia e, em primeiro lugar, os intelectuais burgueses, a procurarem fazer das massas o pedestal do seu domínio parlamentar.

O jogo dos demagogos burgueses será tanto mais fácil quanto, na fase actual da luta, a acção espontânea, a iniciativa, o sentido político da vanguarda operária, tiverem sido menos desenvolvidos e mais restringidos pela tutela de um comité central autoritário.

Mas, antes de mais, é radicalmente falsa a ideia que está na base do centralismo levado ao extremo: o desejo de barrar o caminho ao oportunismo com os artigos de um estatuto.

Sob a impressão dos recentes acontecimentos nos partidos socialistas da França, Itália e Alemanha, os sociais-democratas russos tendem a considerar o oportunismo em geral como um ingrediente estrangeiro, levado ao movimento operário pelos representantes do democratismo burgueses. Mesmo que assim fosse, as sanções de um estatuto seriam impotentes contra esta intromissão de elementos oportunistas. Dado que o afluxo de recrutas não proletários ao partido operário é o efeito de causas sociais profundas, tais como a degenerescência económica da pequena burguesia, a falência do liberalismo burgueses, o enfraquecimento da democracia burguesa, seria uma ingénua ilusão querer fazer estancar esta vaga tumultuosa pelo dique de uma fórmula inscrita no estatuto.

Os artigos de um regulamento podem dirigir a vida de pequenas seitas e de círculos privados, mas uma corrente histórica passa através das malhas dos parágrafos mais subtis. É, de resto, um grande erro querer defender os interesses da classe operária repelindo os elementos que a desagregação das classes burguesas atira em massa para o socialismo. A social-democracia sempre afirmou que representa, ao mesmo tempo que os interesses da classe do proletariado, a totalidade das aspirações de progresso da sociedade contemporânea e os interesses de todos os oprimidos pela dominação burguesa. Isto não deve ser apenas entendido no sentido de que este conjunto de interesses é idealmente englobado no programa socialista. O mesmo postulado se traduz na realidade, pela evolução histórica que faz da social-democracia, enquanto partido político, o refúgio natural de todos os elementos descontentes e, assim, o partido de todo o povo contra a ínfima minoria burguesa que detém o poder.

Sòmente, é necessário que os socialistas saibam permanentemente su-

bordinar aos fins supremos da classe operária todas as angústias, rancões e esperanças da multidão heterogénea que a eles acorre. A social-democracia deve concentrar o tumulto da oposição não proletária nos quadros da acção revolucionária do proletariado e, numa palavra, assimilar os elementos que a ela vêm.

Isto não é possível se a social-democracia não constitui já um núcleo proletário forte e politicamente educado, suficientemente consciente para se capaz, como até agora na Alemanha, de trazer a reboque os contingentes de marginais e de pequenos burgueses que se vão agregando ao partido. Neste caso, um maior rigor na aplicação do princípio centralizador e uma disciplina mais severa, explicitamente formulada nos artigos do estatuto, podem ser uma salvaguarda eficaz contra os desvios oportunistas. Temos então todas as razões para considerar a forma de organização prevista pelo estatuto como um sistema defensivo dirigido contra o assalto oportunista; foi assim que o socialismo revolucionário francês se defendeu contra a confusão da corrente dirigida por Jaurès; e uma modificação no mesmo sentido do estatuto da social-democracia alemã seria uma medida muito oportuna. Mas, mesmo neste caso, não se deve considerar o estatuto como uma arma que, de qualquer forma, bastaria por si própria: não é senão um meio supremo de coerção para tornar efectiva a vontade da maioria proletária que predomina de facto no partido. Se falta esta maioria, as mais terríveis sanções formuladas no papel são inoperantes.

No entanto, esta afluência de elementos burgueses está longe de ser a única causa das correntes oportunistas que se manifestam no seio da social-democracia. Uma outra origem se revela na essência mesma da luta socialista e nas contradições que lhe são inerentes. O movimento internacional do proletariado para a sua integral emancipação é um processo cuja particularidade reside no facto de, pela primeira vez desde que a sociedade civilizada existe, as massas do povo fazerem valer a sua vontade conscientemente contra todas as classes governantes, enquanto a realização desta vontade só é possível para lá dos limites do sistema social em vigor. Ora, as massas não podem adquirir e fortalecer no seu próprio seio essa vontade senão na luta quotidiana contra a ordem constituida, isto é, dentro dos limites dessa mesma ordem. De um lado, as massas do povo; do outro, um objectivo situado para lá da ordem social existente; de um lado, a luta quotidiana e, do outro, a revolução - tais são os termos da contradição dialéctica em que se situa o movimento socialista. Daqui resulta que ele deve bordejar incessantemente entre dois escolhos: um é a perda do seu carácter de massa, o outro a renúncia ao objectivo final; a queda no estado de seita ou a transformação em movimento de reformas burguesas.

Eis porque é uma ilusão contrária aos ensinamentos da história o querer fixar, de uma vez por todas, a direcção revolucionária da luta socialista e garantir para todo o sempre o movimento operário contra qualquer desvio oportunista. Sem dúvida, a doutrina de Marx fornece-nos meios infalíveis para denunciar e combater as manifestações típicas do oportunismo. Sendo porém o movimento socialista um movimento de massas e os escolhos que o espreitam produtos, não de artificios insidiosos, mas de condições sociais inelutáveis, é impossível prevenir-se antecipadamente contra a possibilidade de oscilações oportunistas. Só pelo pró-

prio movimento é possível superá-las, sem dúvida com a ajuda dos recursos que fornece a doutrina marxista e somente depois de os desvios em questão terem tomado um aspecto perceptível na acção prática.

Considerado deste ponto de vista, o oportunismo aparece como um produto do movimento operário e como uma fase inelutável do seu desenvolvimento histórico. Nomeadamente na Rússia, onde a social-democracia nasceu há pouco tempo e onde as contradições políticas em que se forma o movimento operário são extremamente anormais, o oportunismo é, em larga medida, a emanção do tactear inevitável e das experiências tentadas, no meio das quais a acção socialista prossegue o seu caminho sobre um terreno que não se assemelha a nenhum outro.

Sendo assim, não podemos senão achar ainda mais surpreendente a pretensão de afastar a própria possibilidade de qualquer aparecimento de oportunismo, inscrevendo determinadas palavras no estatuto do partido. Tal tentativa para exorcisar o oportunismo por meio de uma folha de papel, pode ser prejudicial ao mais alto grau, não ao oportunismo, mas ao próprio movimento socialista, enquanto tal. Bloqueando as pulsações de uma vida orgânica, debilita-se o corpo e diminui-se a sua resistência, assim como o seu espírito combativo, não somente contra o oportunismo mas ainda - o que deveria ter também uma certa importância - contra a ordem social existente. O meio proposto volta-se contra o fim que se propõe.

Neste desejo receoso de estabelecer a tutela de um comité central, omnisciente e onnipotente, para preservar o movimento operário, tão prometedor e pleno de vida, de alguns passos falsos, nós julgamos vislumbrar os sintomas desse mesmo subjectivismo que já mais de uma vez influenciou o pensamento socialista na Rússia (1). É realmente divertido ver as estranhas piruetas que a história faz executar ao respeitável "sujeito" humano na sua própria actividade histórica. Esmagado e quase reduzido a pó pelo absolutismo russo, o eu tira a sua desforra, no pensamento revolucionário, sentando-se ele mesmo no trono e proclamando-se todo-poderoso - sob a forma de um comité de conjurados, em nome de uma inexistente "Vontade do Povo" (2). Mas o "objecto" mostra-se mais forte e o knout (chicote com que eram batidos os camponeses russos, moujik - N. dos T.) não tarda a triunfar porque é ele que representa a expressão "legítima" desta fase do processo histórico.

Enfim, vemos aparecer em cena um filho ainda mais "legítimo" do processo histórico: o movimento operário russo; pela primeira vez na história russa, ele lança com sucesso as bases para a formação de uma verdadeira vontade popular. Eis, porém, que o eu do revolucionário russo se apressa a fazer o pino e, uma vez mais, se proclama dirigente

(1) - O "método subjectivo" está na base das doutrinas socialistas que desenvolveram Pierre Lavrov e Nicolas Mikhailovsky, mestres escutados do partido socialista revolucionário.

(2) - É sabido que o pequeno grupo de conjurados que, de 1879 a 1883, combateu o czarismo por uma série de atentados e conseguiu matar Alexandre II (em Março de 1881) se chamava: partido da "Vontade do Povo".

todo-poderoso da história, desta vez na pessoa de sua alteza o comité central do movimento operário social-democrático. O hábil acrobata não se apercebe mesmo que o único "sujeito" ao qual incumbe hoje o papel de dirigente é o "eu" colectivo da classe operária, a qual reclamará resolutamente o direito de cometer erros ela própria, de aprender ela própria a dialéctica da história. E digamos, finalmente, sem rodeios: os erros cometidos por um movimento operário verdadeiramente revolucionário são historicamente infinitamente mais fecundos e mais preciosos do que a infabilidade do melhor "Comité Central".

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

XXXXXXXXXXXX

XXXXXXX

Neste ponto preciso de estabelecer a tutela de um comité central, científico e omnipotente, para preservar o movimento operário, tão rico e poderoso e cheio de vida, de algumas passagens fáceis, não julgadas vãs para os alicerces desse mesmo subjetivismo que já mais de uma vez se viu a funcionar o pensamento socialista na Rússia (1). É realmente necessário ver as actividades próprias que a história faz executar no respectivo "autómaton" mesmo em sua própria actividade histórica. Passando a quem se refere a pele absoluta transo, é eu tira a sua história, no seu elemento revolucionário, sentando-se ele mesmo no trono e proclamando-se todo-poderoso - sob a forma de um comité de conjurados, em nome de um inexistente "Vontade do Povo" (2). Mas o "objeto" mostra-se mais forte e o know (conhecimento) com que eram feitas as conjunções transo, eu - W. dos T. não tarda a triunfar porque é ele que representa a prática "realista" desta fase do processo histórico.

Então, vemos aparecer as coisas em linha ainda mais "realista" do processo histórico: o revivimento operário; pela primeira vez na história transo, eis lança um nuotaco as bases para a formação de um verdadeiro vontade popular. É, porém, eu do revolucionário que se apresenta a fazer o pin e, uma vez mais, se problema diferentes

(1) - O "modo subjectivo" está na base das doutrinas socialistas que desenvolvem Frantz Lavrov e Nicolae Mikhailovsky, doutrinas que são do partido socialista revolucionário.
(2) - É sabido que o pequeno grupo de conjurados que, de 1875 a 1885, combates e carteras por uma série de atentados a consequência maior a Rússia II (ou grupo da ISSI) se chamava: partido da "Vontade do Povo".

M A S S A
E
C H E F E S (1)

Uma vez mais, a atitude de toda a imprensa burguesa em relação a que se passa no nosso partido nos demonstra com que infabilidade o instinto de classe triunfa de todas as divergências superficiais dos partidos burgueses. Uma vez mais, ei-los de acordo: os nacionais-liberais e o centro católico, Mons. Oertel que glorifica o knout na sua Deutsche Tageszeitung, e a Gazette de Voss; todos derramam a sua comovente exultação a propósito das desventuras da social-démocracia. Uns alegam-se ao verem os socialistas "devorar-se entre eles"; não tinham eles previsto sempre que a social-démocracia, contra a qual todos os remédios da farmácia burguesa se tinham revelado impotentes, acabaria por "devorar-se a si própria"? Outros mostram-se satisfeitos com as desventuras que sucederam a alguns "universitários", membros do partido socialista, prova definitiva (segundo eles) do abismo que separa o "homem culto" da "massa cega" e da impossibilidade de franquear este abismo sem "partir o pescoço". Outros ainda, não escondem a alegria de verem, por fim, que os socialistas já não poderão olhar com soberba o mundo burguês, uma vez que a corrupção se instalou entre eles "tal como entre nós". E, em uníssono, retoma-se o refrão: acabou-se com a auréola, com a atracção fascinante que envolvia o partido socialista! Acabou para sempre.

A comédia deste júbilo é bem representada. A tal ponto, que mesmo um jornal do partido se deixou contagiar e, com um grande suspiro patético, pôs-se a incitar o partido a dominar-se, quanto mais não fosse para deixar de oferecer ao adversário tais motivos de satisfação.

Más basta, no entanto, não ser completamente surdo para distinguir, não estridente e ostensivamente alegre concerto, as notas de uma profunda decepção, de uma raiva contida. Mais precisamente, a simpatia que a imprensa burguesa não cessa de exprimir aos dois ou três "homens cultos" maltratados por uma horda bárbara, e os ofensivos ataques lan-

(1) - Extrato das Cartas completas de Rosa Luxembourg, vol. III, pag. 199-206. Este artigo tinha sido publicado na Neue Zeit, ano XII (1903-1904), nº2, sob o título: "Esperanças iludidas".

dos contra a "massa cega" que ousou "insurgir-se contra os universitários", mostram-nos claramente qual é a chaga que o partido não teve medo de exhibir.

Sem dúvida os meios burgueses de hoje podem considerar como um exagero ridículo e bárbaro, a grande celeuma levantada entre os socialistas a respeito de "bagatelas" que em qualquer partido burguês teriam sido liquidadas com um encolher de ombros e uma olhadela cúmplice. Para estes meios, é sem dúvida grotesco ver um partido de três milhões de homens adultos agitar-se a propósito de algumas "faltas de sinceridade", cujo total não representa, relativamente ao número de mentiras debitadas por um conservador num só discurso eleitoral, mais do que a luz de uma cave comparada ao sol do meio-dia.

O conflito com o revisionismo desemboca actualmente em questões pessoais, em humilhantes questões pessoais! Não podemos negá-lo; somos forçados a admiti-lo com uma contrição profunda. É que nós não nos encontramos na mesma cómoda situação dos nacionais-liberais ou dos centristas, dos proprietários rurais prussianos ou dos democratas, para quem a corrupção política e a arte de enganar as massas são os próprios fundamentos da sua existência política, graças ao que as infâmiazitas individuais desaparecem na acção do conjunto como uma gota de água no Oceano.

Além disso, um seguro instinto de classe revela-se na grande cólera da burguesia. Este levantamento da massa proletária contra os casos isolados de corrupção no seio dos "universitários" irrita extremamente os burgueses porque apercebem aí o aspecto mais pernicioso - para eles - do movimento operário moderno, isto é, a mudança radical que a social-democracia trouxe, desde há meio século, às relações entre a "massa" e os "chefes".

A expressão de Goethe sobre "a odiosa maioria" que se comporia de um punhado de vigorosos agitadores, um bom número de malandros de fácil adaptação, de fracos que se deixam assimilar e da "massa", que "corre em fila sem fazer ideia do que quer", esta expressão com a qual os plumitivos burgueses queriam caracterizar a massa socialista, não passa do esquema clássico das "maiorias" nos partidos burgueses. Em todas as lutas de classes do passado, que foram dirigidas no interesse de minorias e nas quais, para falar como Marx, "todo o desenvolvimento se efectuou em oposição à grande massa do povo", uma das condições essenciais da acção era a inconsciência da massa no que diz respeito aos verdadeiros fins, ao conteúdo material e aos limites do movimento. Esta discorância era de resto a base histórica específica do "papel dirigente" da burguesia "instruída", ao qual correspondia o "seguidismo" da massa.

Mas, como escrevia já em 1841 Marx, "com a profundidade da acção histórica aumentará o volume da massa comprometida nesta acção". A luta de classe do proletariado é a mais "profunda" de todas as acções históricas que se desenrolaram até hoje, ela engloba a totalidade das camadas inferiores do povo e, desde que existe uma sociedade dividida em classes, é a primeira acção que corresponde ao interesse próprio da massa.

É por isso que a inteligência própria da massa, quanto às suas tarefas e meios, é para a acção socialista uma condição histórica indispensável, assim como a inconsciência da massa foi outrora a condição das acções das classes dominantes.

Através dela, a oposição entre os "chefes" e a maioria que "corre atrás deles" é abolida, a relação entre a massa e os chefes é invertida. O único papel dos pretensos "dirigentes" da social-democracia consiste em esclarecer a massa quanto à sua missão histórica. A autoridade e a influência dos "chefes" na democracia socialista não aumenta senão proporcionalmente ao trabalho de educação que executam nesse sentido. Por outras palavras, o seu prestígio e a sua influência não aumentam senão na medida em que os chefes destroam o que tinha sido até aqui a base de qualquer função de dirigente: a cegueira da massa; na medida em que aqueles se despojam a si próprios da sua qualidade de chefes, na medida em que fazem da massa a dirigente e, deles próprios, os órgãos executivos da acção consciente da massa. A "ditadura" de um Bebel, isto é, o seu imenso prestígio e influência, repousa unicamente no imenso esforço que ele desenvolveu para tornar a massa politicamente adulta. E Bebel recolhe hoje os frutos desse longo esforço, quando a massa o segue com entusiasmo, na medida em que ele exprime a vontade e o pensamento dessa massa. Sem dúvida, a transformação da massa em "dirigente" segura, consciente e lúcida, a fusão da ciência com a classe operária sonhada por Lassalle, é, e não pode deixar de ser, um processo dialéctico, visto o movimento operário absorver de uma maneira ininterrupta os novos elementos proletários assim como os transfugas de outras camadas sociais. No entanto, tal é e tal continuará a ser a tendência dominante do movimento socialista: a abolição dos "dirigentes" e da massa "dirigida" no sentido burguês, a abolição deste fundamento histórico de toda a dominação de classe.

Seria apesar de tudo injuriar os manes dos antigos campeões burgueses da liberdade, querer assimilá-los aos "chefes" dos actuais partidos dos burgueses.

O desenvolvimento da social-democracia provocou também profundas repercussões nas relações entre massas e chefes fora da luta de classe proletária, nos próprios meios burgueses. O movimento de classe da burguesia ascendente era baseado não somente na inconsciência das massas populares quanto aos verdadeiros fins da acção desenvolvida, mas ainda, em grande parte, na própria confusão dos chefes. Agora que os verdadeiros interesses da massa popular foram postos a nu, a burguesia não pode conservar os sufrágios populares senão dissimulando deliberadamente as suas próprias aspirações de classe assim como os interesses populares que se lhes opõem. Os tribunos das revoluções burguesas de outrora foram dirigentes do povo em virtude de uma auto-ilusão histórica. Os Karl Bachem ("leader" dos católicos), os Ernst Bassermann (chefe dos nacionais-liberais), os Eugène Richter (dirigente dos democratas), cujos escribas não param de fazer coro contra a "ditadura" de Bebel, são representantes do povo em virtude de uma falsificação política.

Se repararmos que, entre todos esses partidos fundados na mistificação metódica da massa, os liberais ultrapassam todos os outros pela ve

emência das suas diatribes contra a "massa cega" do partido socialista e a rebelião da "mão caalejada" contra o "espírito-santo dos altos estudos", é-nos dada uma prova evidente da mudança que se produziu, de há meio-século para cá, no cenário histórico e no estado de espírito destes cavalheiros.

Outrora, o hegeliano Bruno Bauer, tendo rompido com o movimento radical de 1840, sustentava contra os "porta-vozes liberais da massa popular" que o "verdadeiro inimigo do espírito" residia "na massa e não fora dela". Os "porta-vozes do liberalismo" dessa época viam "o inimigo verdadeiro do espírito" não na massa, que tomava a sério a sua fraseologia liberal, mas fora dela, mais precisamente, no estado prussiano reaccionário. Hoje, os "porta-vozes do liberalismo", há muito tempo aliados à reacção prussiana contra a massa do povo, vêem nesta massa o "verdadeiro inimigo do espírito". Nesta massa que se libertou deles com desprezo e que dirige a luta por sua própria conta, contra a reacção prussiana e contra o liberalismo burguês.

As uvas estão demasiado verdes! Depois de a burguesia se ter visto traída pelos eleitores das classes populares, que passavam em número cada vez maior para as fileiras do socialismo, a única esperança que ela alimenta é a de empurrar a classe operária socialista, por intermédio do revisionismo, para os limites estreitos da política burguesa, quebrando a espinha dorsal da luta de classes e alcançando assim, por um desvio, uma fraca desforra das derrotas sofridas no teatro da história.

Enquanto aquela esperança durou, a massa socialista era considerada pela burguesia como susceptível de adquirir "cultura" e "instrução" e transformar-se pouco a pouco numa força "civilizada". Mas eis que esta massa se revela selvagem e brutal, a ponto de fazer uma omeleta com todos os ovos postos com tanta precaução pelo galo burguês no ninho socialista. Não há dúvida! Este infeliz "rebanho cego" foi levado pelos seus chefes e ditadores a cometer tal acção, indigna de seres civilizados.

Não falta sequer uma certa ponta cómica para alegrar este quadro, mas nós admitimos de boa vontade que a dor sentida pelos tosquiadores tosquiados tinha, desta vez, razões particularmente sérias. Se os congressos precedentes não condenavam mais do que algumas manifestações isoladas do revisionismo prático e teórico, em Dresde e depois, o partido não somente repetiu e reforçou as condenações precedentes mas pôs em realce um outro aspecto do revisionismo - examinou a sua moral política e as ligações pessoais com certos meios burgueses que resultam dessa moral.

É possível que o artigo sobre "a moral do partido" (publicado por Georg Bernhard na Zukunft de M. Harden) seja o fruto de circunstâncias fortuitas e que não caracterize de forma alguma o comportamento efectivo de todos os camaradas revisionistas. Mas quem refletiu sobre os acontecimentos dos últimos dias, não pode deixar de encontrar neste artigo a expressão adequada da moral revisionista, tal como ela corresponde, com uma lógica irresistível, às suas ideias. A massa é aí consi

derada como uma criança a educar à qual não convém dizer tudo, à qual, no seu próprio interesse, se tem o direito de dissimular a verdade, enquanto que os "chefes", homens de estado consumados, modelam esta argila mole para construir o templo do futuro segundo os seus grandiosos projectos. Tudo isto constitui a ética dos partidos burgueses assim como do socialismo reformista, por mais diferentes que possam ser as intenções de uns e de outros.

A aplicação desta forma de encarar as relações entre a massa e os seus "chefes" é-nos dada pelos partidários de Jaurès em França, e pelas veleidades da facção de Turati em Itália. As "federações" autónomas e heterogéneas do primeiro destes partidos, a moção de Turati no congresso de Imola, propondo a supressão do comité central do partido - tudo isto não significa outra coisa senão a dissolução da massa fortemente organizada do partido, a fim de que, de dirigente autónoma, esta massa se transforme em instrumento dócil dos parlamentares e se degrade até ao estado dessa "massa cega" que "corre atrás do chefe", "sem saber sequer o que quer", ou que, caso o saiba, como no congresso de Bordéus, não tem força para fazer triunfar a sua vontade. Os deputados do partido de Jaurès, têm mesmo tendência para se emancipar do controle e da influência das organizações do partido, às quais devem os lugares no parlamento, e a apelar para a massa eleitoral amorfa e inorganizada. Eis pois as condições de organização das relações entre a massa e os chefes, tais como o artigo da Zukunft as preconiza, como necessidade psicológica e como norma de todo o movimento popular.

O apagar da linha de demarcação, na base, entre a elite de proletários conscientes do objectivo final e a massa popular inorganizada, corresponde, no vértice, à supressão das barreiras entre os "dirigentes" do partido e o mero burguês - à aproximação entre parlamentares socialistas e literatos burgueses no terreno das "humanidades".

Sob os auspícios daquilo a que se chama "cultura" ou "humanidades", estes deputados sociais-democratas reúnem-se, nas agradáveis noites de inverno, com os jornalistas burgueses para se distraírem um pouco dos "aborrecimentos profissionais" e da "vulgaridade do jogo político". Assim como à volta de Péricles se reunia tudo o que Atenas contava de eminente na política, nas artes e na filosofia, para se elevar, numa perfeita liberdade de espírito, até aos cimos supremos do pensamento e do sentimento refinados, assim também se viu, numa cervejaria de Berlim, os homens de estado da social-democracia misturarem-se com as elegantes e os romancistas espirituosos formando um círculo em torno desse Péricles moderno que é Maximilien Harden: durante algumas horas requintadas esqueceram-se as pelejas bárbaras da luta de classes e o cheiro forte da plebe, trocando-se opiniões subtis sobre os acontecimentos do dia e as obras de arte. As cabeças não estavam cingidas de coroas de louro e os vinhos de Samos e de Mitilene tinham sido substituídos pela vulgar cerveja de Munique, mas o verdadeiro espírito de amizade da antiguidade e da cultura mais delicada não deixava de flutuar, como um halo suave, em torno deste escolhido cenáculo. E foi com uma tolerância que só os espíritos superiores sabem apreciar e praticar que se confiaram opiniões bastante independentes, por vezes algumas "informações policiais" sobre certos camaradas importunos. "Tudo se passava co

mo é hábito entre pessoas cultas", declarou o camarada Heine (1).

E eis que intervém o punho grosseiro do proletariado - a quem falta qualquer compreensão pela cultura delicada e pela era de Péricles - para destruir brutalmente todas estas "ternas ligações de uma sublime humanidade". Dolorosamente vexados e horrorizados, estas antênlulas que a sociedade burguesa tinha avançado até ao coração do nosso partido são obrigadas a bater precipitadamente em retirada. O sr. Jastrow, eminente economista, faz disso uma tragédia, a Gazette de Voss cacareja, os liberais ao serviço de Rudolf Mosse lançam uma vaga de injúrias; nada mais do que contrastantes maneiras de confessar a perda de tão doces esperanças. O nevoeiro revisionista dissipou-se e diante dos olhos da burguesia, cheios de despeito e de ódio, eleva-se, tão inexpugnável e sólido como outrora o rochedo abrupto dos bastiões proletários. Reabriu-se o fosso abissal entre estes e o mundo burguês e em vez da penetração prática com que contavam os profissionais duma política pérfida, é com um assalto bem aleatório e perigoso que é preciso contar.

A relação torna-se clara entre os "acontecimentos morais" dos últimos dias e os métodos do reformismo. O alegre vaivem por cima do fosso que separa o campo do proletariado do dos seus inimigos, o amável comércio estabelecido pela "livre crítica", as "livres confissões" e a "livre colaboração" dos revisionistas com a imprensa burguesa preparam o terreno onde vimos surgir, entre outras curiosas eflorações, o conluio contra Mehring (2). Uma osmose intelectual havia sido estabelecida entre a social-democracia e o mundo burguês, e os sucos venenosos da decomposição burguesa podiam penetrar livremente na circulação do corpo do partido proletário.

Hinc illae lacrimae. Aqui está a origem das contorsões da imprensa burguesa, que prevê que, a partir de agora, a social-democracia verá esgotar-se a afluência de "universitários" e de simpatias "esclarecidas". Um jornal liberal espera que o camarada Göhre (pastor protestante) compreenderá, agora que o forçam demitir-se do seu mandato de deputado, o erro que cometeu "aderindo à social-democracia" (3).

A generosa mentalidade dos liberais concebe evidentemente que seja possível "enganar-se" aderindo ao socialismo, como é possível enganar-se na Bolsa, especulando sobre os cafés em vez de especular sobre os algodões. Tal gente nem sequer repara que, através deste juízo de especialista, confessa o seu hábito de colocar a política mais ao menos ao mesmo nível que a prostituição.

(1) - Wolfgang Heine, que veio a ser ministro da justiça em 1919.

(2) - Franz Mehring (1846-1919), brilhante e fogoso co-director da Neue Zeit, revolucionário intransigente (e, durante a guerra, spartakista) só tinha aderido ao socialismo depois de uma longa carreira de jornalista nas fileiras nacionalistas. Recolhendo citações dos seus antigos artigos e rodeando-os de histórias escandalosas, os revisionistas tentaram apresentar como um aventureiro a melhor pena do socialismo alemão

(3) - Paul Göhre veio a ser ministro dos cultos na Prússia, em 1919.

Ora, se os universitários que teriam vindo até nós com esta mentalidade de se decidiam a deixar as nossas fileiras, poderíamos com toda a serenidade vê-los juntarem-se em torno das sereias liberais. Que se juntem aqueles que se parecem. Recearíamos apenas que, querendo aproveitar assim os saldos da "casa concorrente", o pobre partido liberal não conseguisse fazer negócios brilhantes, pois seria de admirar que "universitários" dotados desse espírito prático que o nosso liberal lhes atribui, se fossem colocar ao serviço de um partido em plena falência.

Quanto à nossa missão intelectual, que os junkers tremam ao verem-nos na impossibilidade de a cumprir depois de a "mão calejada" se ter "insurgido contra os universitários". Podemos tranquilizar estes grandes proprietários da cultura: em breve, e sem que eles experimentem com isso qualquer prazer, a acção do socialismo para salvar a civilização das garras feudais prussianas, desencadear-se-á com um vigor reforçado, justamente graças à liquidação do revisionismo. Porquanto a ligação íntima do movimento socialista com o desenvolvimento intelectual realiza-se, não graças aos trânsfugas que nos vêm da burguesia, mas graças à elevação da massa proletária. Esta ligação baseia-se, não em qualquer afinidade do nosso movimento com a sociedade burguesa, mas na sua oposição a essa sociedade. A sua razão de ser é o objectivo final do socialismo: restituir todos os valores de civilização à totalidade do género humano. Quanto mais o carácter proletário da social-democracia se acentuar, maiores serão as possibilidades de salvar a civilização alemã da opressão dos seus zeladores feudais e de fazer escapar a própria Alemanha da anquilose de tipo chinês em que querem mantê-la os conservadores.

É assim urgente a depuração do partido: é preciso suprimir os fenómenos de decomposição que aí se têm manifestado durante o último lustre. Porque "com a profundidade" desta "acção histórica" - e, num certo sentido, trata-se realmente de uma acção histórica - veremos crescer o "volume da massa" que nos seguirá com confiança, porque o nosso campo é o único onde se combate pelos verdadeiros interesses da classe operária sob uma bandeira sem mancha.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

XXXXXXXXXXXX

XXXXXX

LIBERDADE DA CRÍTICA

E DA CIÊNCIA (1)

No conflito com o oportunismo está em causa a própria existência da social-democracia. "Uma tal tática (a do oportunismo), dizia Bebel em Erfurt, significaria para o nosso partido exactamente a mesma coisa do que quebrar a espinha dorsal de um organismo vivo, continuando-se a pedir-lhe que desempenhe o mesmo esforço que antes. Não admitirei que quebrem a coluna vertebral da social-democracia, que substituam o seu princípio, a luta de classe contra os possuidores e contra o poder do estado, por uma tática manca e pela prossecução exclusiva de fins ditos práticos".

Nada deveria parecer mais justificado do que esta resistêcia e este contra-ataque em resposta às pretensões do oportunismo. No entanto, nos últimos tempos, tentou-se por diferentes formas, contestar ao partido o direito de recorrer a esta legítima defesa e pretendia-se mesmo apresentar qualquer ajustamento de contas com o oportunismo, como uma inconveniência. E tudo isto, antes de mais, em nome da liberdade da crítica. Quereriam convencer-nos de que é necessário dar a todos a liberdade de criticar o programa e a tática do nosso partido; deveríamos mesmo estar agradecidos àqueles que, através da sua crítica, dão um novo sopro de vida ao partido.

Esta baboseira, com a qual se esforçam agora por defender Bernstein, já nós a tínhamos ouvido há nove anos.

"Onde está então a liberdade de opinião de que vocês gostam tanto de falar?", exclamava Georges Vollmar no congresso de Erfurt, ao ver-se atacado por Bebel. "A independência do pensamento é para nós da mais alta importância. Ora ela só será possível se, abstraído as calúnias, mentiras e injúrias, acolhermos com agradecimento e sem distinção de tendência, as opiniões expressas por pessoas que se podem enganar, mas que não têm em vista senão o bem do nosso partido. Não falo por mim, mas de uma maneira geral; é com alegria que se deveriam acolher as i-

(1) - Extracto do vol. III das Obras completas de Rosa Luxembourg (editadas graças a Clara Zetkin e Adolf Warski), pag. 173-177. Este artigo faz parte de uma série publicada no jornal Leipziger Volkszeitung, em Setembro de 1899.

deias novas pois que elas refrescam o repertório fatigado, rotineiro, da nossa propaganda".

Sam dúvida que não existe outro partido para o qual a crítica livre e incansável dos seus próprios defeitos seja, como para a social-democracia, uma condição de existência. Como temos de progredir à medida que se processa a evolução social, a modificação contínua dos nossos métodos de luta e, por consequência, a crítica incessante do nosso património teórico, são as condições do nosso crescimento. É no entanto evidente que a auto-crítica no nosso partido só atinge o seu objectivo, que é servir o progresso - e seria assim prematuro felicitar-nos - quando ela se orienta na direcção da nossa luta. Toda a crítica contribuindo para tornar mais vigorosa e consciente a nossa luta de classe para a realização do objectivo final, merece o nosso reconhecimento. Mas uma crítica que tenda a fazer retroceder o nosso movimento, a levá-lo a abandonar a luta de classes e o objectivo final, tal crítica, longe de ser um factor de progresso, não será mais do que um fermento de decomposição.

Que diríamos nós se alguém nos propusesse "refrescar o nosso velho repertório" com um bocadinho de agitação anti-semita? Não seria com expressões de reconhecimento mas com um "alto!" indignado que os camaradas acolheriam tal "variante". Mas não está o militarismo que Schippel (1) propõe, em contradição tão flagrante com o nosso programa, como o anti-semitismo?

Se acolhemos da mesma maneira todas as "críticas", tanto aquela que nos faz avançar em direcção ao objectivo final como aquela que nos afasta dele, não seremos um partido de combate, mas uma associação de "faladores" que, depois de ter partido com grande estrépito para uma grandiosa excursão, descobriria que ela não tem itinerário preciso, e que, no fundo, poderia desembocar em qualquer parte e até mesmo ceder ao sábio "conselho" de abandonar a aventura.

Eis pois do que se trata. Por maior que seja a nossa necessidade de crítica, por maiores que sejam os limites que lhes traçamos, deve no entanto existir um mínimo de princípios constituindo a nossa própria essência e existência, o fundamento da nossa cooperação como membros de um partido. Nas nossas próprias fileiras, a "liberdade de crítica" não se pode aplicar a esses princípios, pouco numerosos e muito gerais, justamente porque eles são a condição prévia de qualquer actividade no partido, e consequentemente, de qualquer crítica exercida ao encontro dessa actividade. Não precisamos de tapar os ouvidos quando estes princípios são criticados por alguém que está fora do partido, mas enquanto os considerarmos como o fundamento da nossa existência como partido, devemos dar-lhes a importância devida, e não os deixar ser abalados pelos nossos membros. A este respeito, não há senão uma liberdade: a de pertencer ou não ao nosso partido.

(1) - Max Schippel (nascido em 1853), um dos teóricos do "revisionismo" nas Sozialistische Monatshefte, apoiou no congresso de Hamburgo (1897) a tese segundo a qual o sistema militar prussiano era preferível ao da "milícia", inscrito no programa do partido.

Não obrigamos ninguém a marchar nas nossas fileiras, mas se alguém o faz voluntariamente, é normal que pensemos que aceitou os nossos princípios.

Doutra forma, se todos os dias pusermos em causa os fundamentos do nosso programa e da nossa tática, não se perceberia porque razão os anarquistas, os "nacionais-socialistas" (do pastor Naumann), os partidários da reforma moral, não seriam admitidos no partido em nome da "crítica livre", já que não mais haveria nada de sólido, de intangível, de definido, na nossa constituição. É verdade que cessaríamos então de ser um partido político distinto dos outros por determinados princípios.

A liberdade da crítica tem pois os seus limites práticos na nossa própria essência como partido político. O que nos é mais característico - a luta de classe - não poderá ser objecto de uma "livre crítica" no partido. Não nos podemos suicidar em nome da "liberdade de crítica". Mas o oportunismo, como afirma justamente Bebel, tende a quebrar-nos a espinha dorsal, a destruir-nos como partido de luta de classe.

Por último, a manobra suprema dos partidários de Bernstein consiste em apresentar os problemas a discutir como "científicos", complexos e difíceis, de tal maneira que se a massa dos camaradas optasse apreciá-los, se não tomar decisões, daria mostras de uma presunção inaudita. Mas os desígnios que se escondem sob esta capciosa evocação da "pobreza de espírito" são de tal forma transparentes que não é preciso ser um "sábio" para descobrir a sua intenção.

Um congresso socialista não tem que deliberar sobre problemas de ciência e de teoria pura, mas sim sobre uma série de questões puramente práticas que dizem respeito aos princípios e à tática do partido.

O próximo congresso deve abordar a questão do militarismo e da milícia (1). Será preciso uma forte dose de falta de pudor para dizer aos operários que a discussão deste assunto tem algo que ver com as "investigações científicas" do camarada Schippel sobre o militarismo.

Se há por acaso no partido pessoas ingénuas a ponto de aceitar esta maneira de encarar as coisas não poderíamos senão dizer: pobre Stegmüller. (Deputado social-democrata na Dieta de Bade, que votara a favor dos créditos para a construção de igrejas, e que fôra por isso condenado pelo partido). Ainda hoje estaria ^{ele} entre nós, tranquilo e respeitado, se tivesse tido a ideia de apoiar a sua atitude com um sábio artigo nas Sozialistische Monatshefte? Quem se atreveria a enfrentar-se com uma "dissertação científica" sobre a utilidade da cultura religiosa?

Efectivamente, a campanha de Schippel contra a nossa reivindicação da milícia, não pode continuar a ser considerada de um ponto de vista

(1) - Tratava-se do congresso anual do partido social-democrata alemão, que ia reunir em Hanover, em Outubro de 1899, em cuja ordem de trabalhos figurava (ponto 6) a questão dos militares e a substituição do exército permanente por uma milícia popular.

científico, assim como o voto de Stegmüller. No seu artigo (sobre "Frédéric Engels e o sistema da milícia", na Neue Zeit, ano 1898-99, nº^s 19 e 20), Schippel tentou apenas mostrar que a milícia popular, cuja instituição foi desde sempre um dos pontos mais importantes do nosso programa político, é irrealizável do ponto de vista técnico, indesejável por razões políticas, economicamente dispendiosa, enquanto que o militarismo actual é tão indispensável como salutar ao bem-estar da nação. Isto corresponde a uma desaprovação total de toda a acção parlamentar e até de toda a agitação do partido, que, até agora, se tem concentrado na luta contra o militarismo. Se, com o pretexto da liberdade da ciência, se contestasse ao partido o direito de se pronunciar sobre tal ataque contra os seus princípios fundamentais, isso seria o mais vergonhoso abuso feito até hoje, em nome da ciência, para enganar as massas.

São igualmente práticos e não científicos, os assuntos que figuram no ponto 5 da ordem^{de} trabalhos do próximo congresso e que dizem respeito à tática do partido.

Esperemos que a tática praticada durante as eleições para a Dieta da Baviera, não seja apresentada como uma questão científica, inacessível ao julgamento dos delegados. Também na obra de Bernstein há duas partes: uma teórica, onde Bernstein explica a sua opinião crítica sobre a teoria do valor, a concepção materialista da história; e uma outra, de ordem prática, onde trata dos sindicatos, das cooperativas, da política colonial e da atitude perante o estado, assim como perante os partidos burgueses.

A primeira parte não é evidentemente da competência do congresso; ninguém sonhou ainda em fazer o congresso votar sobre a teoria do valor ou sobre a das crises. Mas a segunda parte, as manifestações práticas da teoria de Bernstein, desenvolvidas em palavras e em actos por Vollmar, Schippel, Heine, etc, deve ser objecto de um voto do congresso. A massa do partido tem o direito e o dever de decidir da tática que este deve seguir relativamente ao estado e à burguesia. Aquelle que contestasse tal direito estaria a pretender atribuir ao partido o papel de um rebanho inconsciente.

Acontece de tempos a tempos no nosso partido, que militantes de base, pouco conhecidos, são severamente criticados, por vezes excluídos do partido, por erros dos quais só foram tornados culpados em virtude da sua insuficiente educação. Erros bem mais graves, cometidos por eminentes camaradas, deverão ficar impunes pelo facto de estes camaradas serem capazes de os temperar com molho "teórico"? Se assim é, por que não dizer então que também no nosso partido os grandes ladrões fazem condenar os pequenos?

A liberdade da crítica e o carácter sagrado das "investigações científicas" devem permanecer intangíveis. Mas precisamente, se a crítica do grupo Bernstein dispôs de todo o vagar e de toda a latitude para se exercer, até ao ponto de o seu verdadeiro carácter e as suas tendências deixarem de ser um mistério para toda a gente, chegou a hora para o partido, como corpo político, de tomar posição perante os resultados desta crítica e de declarar: tal crítica é um processo de intoxicação para o qual não há lugar nas nossas fileiras.

Estes textos foram traduzidos da brochura "Marxisme contre Dictature", Cahiers Mensuels SPARTACUS n° 7 - 1946 (director: René Lefeuve 15, Rue de la Huchette Paris 5^{ème})

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Obras de Rosa Luxemburg traduzidas em francês:

- "O objectivo final" (1898)
- "Liberdade da crítica e da ciência" (1899)
- "Os óculos ingleses" (1899)
- "Massa e chefes" (1904)
- "Centralismo e democracia" (1904)
- "Greve de massas, partido e sindicatos" (1905)
- "Reforma social ou revolução?" (1908)
- "A acumulação do capital" (1912)
- "A responsabilidade histórica" (1918)
- "A revolução russa" (1918)
- "Discurso sobre o programa do P.C.A." (1918)
- "A ordem reina em Berlin..." (1919)

vendidas nas:

Librairie LA VIEILLE TAUPE

1, Rue des Fossés-St-Jacques Paris 5^e

Librairie FRANÇOIS MASPERO

1, Place Paul Painlevé Paris 5^e

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

LEIA-SE
DIVULGUE-SE
TROQUE-SE, QUANDO POSSIVEL, POR
1F OU 6 RESC, PARA PAGAR O PAPEL
E A TINTA;